

O militar e o velho

A festa era especial naquele ano da década de 60. Pedras Salgadas esmerou-se, convidando a Banda de Mateus para abrilhantar as festividades durante o dia e o arraial que ia até às 4 da madrugada. Os músicos sentiam orgulho de ali estarem porque Pedras Salgadas representava um lugar que tinha sido escolha da família real que preferiu aquele recanto como destino de férias.

D. Maria Pia, D. Fernando e D. Carlos, descobriram aquela localidade no interior norte de Portugal com um microclima especial que dava origem a uma água milagrosa. Isto foi dito logo à chegada por um músico conhecedor da história de Portugal e não só, também dissertava de vez em quando sobre alguns compositores famosos da história da música universal. Sem dúvida que todos os músicos reconheciam em Álvaro Rainho um saber quase enciclopédico para o tempo, ao mesmo tempo um homem afável e bom.

Pedras Salgadas fazia uma romaria com grande participação, sobretudo emigrantes que procuravam na procissão e nos olhares do padroeiro uma bênção, uma cura, um pequeno milagre. No tempo, as maleitas eram muitas e nada mais nada menos que uma boa oração e um pedido misericordioso para a obtenção de um desejo e de uma absolvição dos pecados que também no tempo eram fartos e variados. **Orações fervorosas para a cura de males como insanidades mentais ou pessoas que tinham alucinações dominadas por monstros e fantasias, também ali tinham lugar.**

Por volta das 8 horas chegavam já caravanas de todos os lados e o fervilhar de gente dava vida a uma festa que havia de fazer furor...à chegada a prioridade era buscar a proteção divina na resolução dos problemas imediatos. Já na igreja os rostos ficavam de imediato carregados de expressão de dor e deformados. A missa cantada pela banda de Mateus enriquecia o acto litúrgico e galvanizava a homilia do padre que mesmo gago parecia que as palavras eram ditas de forma espontânea e livre. Também a idade avançada do prior era disfarçada pelo entusiasmo com que falava do padroeiro enfatizando os milagres obtidos pela população em promessas feitas que (diziam os mais crentes) não ficavam sem resposta. O padre devia ter cuidado até na forma e na fórmula cada vez que evocava o nome do santo pois ele sabia que o seu rebanho ficava demasiado sensível e podia até chorar em plena liturgia.

A Banda de Mateus impressiona a multidão mesmo através de uma simples marcha. Não era só o seu toque particular mas sobretudo o desfilhar colorido de aprumo e vaidade que arrastava o povo, que se rendia a

tão singular espetáculo. Nesta festa as moças abundavam, lindas e roliças, pela boca de um músico vindo de Lisboa a convite de um colega da Banda da Armada. “Que lindo sorriso tem aquela moça!”, Diz o alfacinha ao colega. Os dentes brancos, finos e sensuais davam àquele sorriso a expressão da sedução a que o galã clarinetista da capital não ficava indiferente. **O resto da moça era subtil, espiritual- um pequeno raio de sol alegre e florido num jardim de campo.**

O arraial aguarda-se com ansiedade. A multidão não esconde a emoção de poder ouvir uma banda de renome à dimensão das mais consagradas do país. Para os jovens é uma oportunidade de poderem dançar ao toque de rapsódias, valsas, foxtrot, passdobles, bem como outros ritmos, uns alucinantes, outros calmos e inspiradores. Depois de um repertório mais clássico vem as rapsódias que vão encher, sobretudo os jovens, de alegria a multidão de povo oriundo das redondezas das Pedras Salgadas.

No recinto estão presentes alguns militares que nesta festa fazem uma espécie de despedida antes da partida para a guerra do ultramar. Alguns não vestem a rigor, porque festa é festa e o que importa é passarem uma noite em pleno dançando até à exaustão não importando o parceiro ou a idade do mesmo.

As atenções de alguns populares viram-se para um militar de estatura baixa e raquítica e um velho de chapéu amarrotado e meio corcunda. Os dois dançam felizes e descomprometidos, sem preconceitos. Apenas caprichosamente rodopiam gozando o prazer de dançarem ao toque da banda. **Duas almas exiladas na loucura da felicidade.** Dois seres embalados na alegria pura da dança, contagiados pelo furor e beleza dos sons que abarcam todo o recinto, sons fantásticos que embebedam e enfeitiçam os populares. Os dois exibem-se ágeis, serpenteando o corpo à medida das suas possibilidades, pois a corcunda do velho não o favorece e a estatura baixa do militar destoa a imagem destes dois dançarinos.

Por volta das 4 horas, militar e velho vão já esmorecendo perdendo a noção do ritmo da música o que os leva à exposição do ridículo e do escárnio. Em cima do coreto, a alma galhofeira e mordaz do Álvaro Galado não resiste à provocação através de alguns impropérios e gestos pouco ortodoxos...dos dançadores, nem uma reação, nem um olhar, apenas a manifestação de um desprezo profundo a alguém que estava a dinamitar a alma dos dois homens entregues à beleza da dança na sua expressão lídima de liberdade e explosão.

A festa termina com o recinto já quase vazio, ouvindo-se o rumor do cansaço dos músicos e a natureza purificada invadida pela frescura da manhã. **O raiar do dia é uma bênção porque parece que toda a terra**

repousa. Uma espécie de prece. Uma oração. É a hora de Deus. É a hora feliz do regresso.